

ENSINO SUPERIOR: REFLETINDO SOBRE A PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE

HIGHER EDUCATION: REFLECTING ON TEACHER PROFESSIONALIZATION

Silvana Malusá¹

Narciso Telles²

Paloma Oliveria Bezerra³

RESUMO: O presente artigo aborda questões referentes à docência no ensino superior, especialmente no que diz respeito à profissionalização docente, a suas competências e à identidade profissional. Tem por objetivo refletir sobre o que significa ser docente universitário hoje, tendo em vista a compreensão desse profissional sobre sua prática. Mais especificamente, procura identificar as concepções dos professores sobre o que é ser docente universitário, conhecer sua identidade profissional, registrar e discutir as possíveis dificuldades-especificidades da docência universitária na contemporaneidade. A análise teve como ponto de partida o estudo da literatura referente à docência no ensino superior, além de dados coletados junto aos professores. Entende-se que o desafio de ser docente universitário hoje requer mais que a experiência do mercado de trabalho. É necessário humanizar as relações e educar para a sensibilidade, para a consciência coletiva, buscando um trabalho que integre as diversas áreas do conhecimento, a instituição e a comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Docência universitária. Profissionalização. Identidade profissional.

ABSTRACT: This article approaches questions related to teaching in higher education, especially in regard to teacher professionalization, your competencies and professional identity. It has for objective to reflect about on what it means to be a university today, in view of understanding this professional about your practice. But specifically, it look for to identify the conceptions of teachers about what is to be a university teacher, knowing their professional identity, recording and discussing possible difficulties/specificities of the university teaching in the contemporary world. The analysis had as starting point the review of literature relative to teaching in higher education, and addition of data collected from the teachers. It's meant that the challenge of being a university teacher today requires more than the experience of the labor market. It's necessary to humanize the relationships and educate for sensitivity, for the collective consciousness, looking for a labor that integrate the different areas of knowledge, the institution and the community.

KEYWORDS: University teaching. Professionalization. Professional identity.

¹ Doutora/PhD em Educação; professora do PPGED – mestrado e doutorado em Educação; professora do PPGCE – Tecnologias, Comunicação e Educação da UFU – Universidade Federal de Uberlândia; vice-diretora da Faced – Faculdade de Educação; coordenadora pedagógica do Dinter/UFU/Unifap-Amapá. E-mail: silmalusa@yahoo.com.br

² Doutor em Teatro; professor do PPGED – mestrado e doutorado em Educação da UFU – Universidade Federal de Uberlândia; pesquisador do CNPq. E-mail: narcisotelles@demac.ufu.br

³ Mestranda em Educação da UFU – Universidade Federal de Uberlândia; professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB/Itapetinga E-mail: palomaoliveria7@hotmail.com

Introdução

No mundo atual, marcado pela complexidade versada por Morin (2003), o ensino na universidade assume um caráter distinto de outrora, na medida em que apenas a formação técnica e a experiência no mercado de trabalho não são mais suficientes para atender as exigências da sociedade contemporânea, que demanda do docente mais do que o conhecimento técnico/científico da profissão. Partindo da premissa de que ser docente universitário hoje requer mais que um título superior e/ou o domínio dos saberes técnicos da profissão, torna-se imperativo discorrer sobre o ensino superior, especialmente sobre a profissionalização docente.

Desse modo, o artigo ora apresentado tem como objetivo refletir sobre o que significa ser docente universitário hoje, tendo em vista a compreensão desse profissional sobre sua prática. Mais especificamente, procura identificar as concepções dos professores sobre o que é ser docente universitário, conhecendo sua identidade profissional. Visa, ainda, registrar e discutir as possíveis dificuldades/especificidades da docência universitária na contemporaneidade.

A abordagem de pesquisa aqui utilizada foi a qualitativa, feita por meio da revisão de literatura e de questionários realizados com seis docentes universitários atuantes nos cursos de graduação em Dança, Engenharia, Jornalismo, Matemática e Teatro da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A escolha da abordagem qualitativa se deu visto que, segundo Lankshear e Knobel (2008), faz pouco uso de formas estatísticas de análise, não pressupõe grandes amostras e está especialmente interessada em como as pessoas experimentam, entendem, interpretam e participam de seus mundos sociais e culturais.

Fruto de estudos desenvolvidos ao longo da disciplina “Docência no Ensino Superior” (PGED032), ofertada pela Linha de Pesquisa Saberes e Práticas Educativas, vincula-se ao Grupo de Pesquisa “Desenvolvimento profissional e docência universitária – saberes e práticas educativas” aprovado pela UFU, certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) sob o número “1877760681965074” e coordenado pela Profa. Dra. Silvana Malusá (PhD). No que se refere aos aspectos legais e aos procedimentos metodológicos esperados para um trabalho científico, o grupo se apresenta como um espaço de investigação vinculado ao desenvolvimento de estudos e pesquisas que visam à produção de novos conhecimentos e à análise das diversas dimensões dos processos de ensinar e aprender no âmbito da realidade universitária⁴. Tem como

⁴ a) FERREIRA, Jociene Carla Bianchini. Docência universitária: elementos norteadores da prática pedagógica no curso de Jornalismo. **Tese-Doutorado em Educação**. Orientação, Profa. Dra. Silvana Malusá, Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia/MG, 2013; b) SILVA, Marluclena Pinheiro. DOCÊNCIA universitária no curso de enfermagem: formação profissional, processo de ensino-aprendizagem, saberes docentes e relações interpessoais, associados ao princípio da integralidade. **Tese-Doutorado em Educação**. Orientação, Profa. Dra. Silvana Malusá, Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia/MG, 2013; c) SIMÕES, Helena Cristina Guimarães Queiroz. Docência Universitária: concepções de prática pedagógica do professor da educação jurídica. **Tese-Doutorado em Educação**. Orientação, Profa. Dra. Silvana Malusá, Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia/MG, 2013; d) CALIXTO, Aldeci Cacique. Docência universitária: dimensões didáticas da prática pedagógica. **Tese-Doutorado em Educação**. Orientação, Profa. Dra. Silvana Malusá, Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia/MG, 2012; e) BERNARDINO JUNIOR, Roberto. Docência Universitária: o cirurgião dentista no curso de Odontologia. **Tese-Doutorado em Educação**. Orientação, Profa. Dra. Silvana Malusá, Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia/MG, 2011; f) SILVA, Naísa Afonso. Docência Universitária: o professor de Direito formado em Direito. **Dissertação - Mestrado em Educação**, Orientação, Profa. Dra. Silvana Malusá, Universidade Federal de Uberlândia – UFU, Uberlândia/MG, 2011; g) ARANTES, Cristovão J. Formação humanística do estudante de direito: diretrizes curriculares e realidade. **Dissertação - Mestrado em Educação**. Orientação, Prof. Dr. José Augusto Dela Coleta, Centro Universitário do Triângulo – UNITRI, Uberlândia/MG, 2008; h) BELCHIOR, Patrícia de O. L. Docência universitária: o professor de educação física no curso de educação física. **Dissertação – Mestrado em Educação**. Orientação, Profa. Dra. Silvana Malusá. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, UFU/MG Uberlândia/MG, 2007; i) ALENCAR, Eunice M. L. Soriano e FLEITH, Denise de Sousa. Inventário de práticas docentes que favorecem a criatividade no ensino superior. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol 17, n. 1. Porto Alegre, 2004 / ISBN 0102-7972; j) MELO, Maria do Céu; SILVA, José Luis; GOMES, Álvaro e VIEIRA, Flávia. Concepções de pedagogia universitária – uma análise do questionário de avaliação do ensino ministrado na universidade do Minho. **Revista portuguesa de Educação**, 2000, 12(2), pp.125-156 – Universidade do Minho em Portugal/ ISBN 0871-9187.

objeto de investigação a Docência Universitária, pretendendo pesquisar como o docente do nível superior desenvolve-se profissionalmente e que saberes e práticas permeiam sua atuação no contexto da universidade.

Portanto, nas páginas que se seguem, a docência universitária é discutida, primeiro na percepção de autores que se dedicam ao tema, e em seguida é dada a palavra ao docente que atua no ensino superior, confrontando sua voz com os fundamentos teóricos apresentados.

Docência universitária na contemporaneidade: elementos conceituais

Entre os vários significados da palavra “caminhar”, se olharmos no dicionário Aurélio, está o de percorrer um caminho, andar. Quando se inicia uma pesquisa ou quando se estuda uma determinada questão, a sensação de caminhar se instala de forma perceptível. Ao investigar, o pesquisador procura trajetórias, percorre algumas hipóteses, “anda” pelas indagações e anseia progredir.

Entretanto, nem todos os caminhos são definitivos ou levam a um lugar novo. Algumas vezes o pesquisador tem que retornar ao ponto inicial. Em outras ocasiões deverá refazer sua rota em razão de determinados obstáculos/encontros/desencontros, ou mesmo ao descobrir que aquele caminho não o levará ao lugar que pretende. O pesquisador poderá também se deparar com uma encruzilhada. O seu papel, nesse sentido, além de definir as rotas da pesquisa, consiste, principalmente, no de indagar, refletir e analisar os dados/entaves/trajetos durante seu estudo, que poderá ou não ter um fim, já que o pesquisador poderá ou não descobrir novas terras. Nesse caso, o maior aprendizado é realizado no caminhar da pesquisa.

Na estrutura organizativa do ensino superior no Brasil, o domínio de conhecimentos específicos da área de conhecimento (ou disciplinares) e a experiência profissional sempre foram privilegiados como os únicos requisitos para a docência nos cursos superiores.

[...] Até a década de 1970, embora já estivessem em funcionamento inúmeras universidades brasileiras e a pesquisa fosse então um investimento em ação, praticamente exigiam-se do candidato a professor de ensino superior o bacharelado e o exercício competente de sua profissão (MASETTO, 2003, p.12).

O processo de ensino era realizado segundo a crença de que os conhecimentos e as experiências profissionais são transmitidos de um professor que sabe e conhece para um aluno que não sabe e não conhece. Entretanto, é possível dizer que quem sabe, sabe ensinar? Na última década, as universidades passaram a exigir também cursos de especialização e, atualmente, mestrado e doutorado. Porém, conforme Masetto (2003), as exigências continuaram as mesmas, visto que se referem à experiência profissional e ao domínio do conteúdo de determinada área.

Contudo, dado o contexto histórico, social, cultural e econômico vivenciado na contemporaneidade, o conhecimento em determinada área e a experiência profissional são suficientes para atuação do docente universitário? E o que dizer dos novos docentes que chegam às universidades sem passar pelo mercado de trabalho – os pesquisadores formados nos programas de pós-graduação?

Behrens (1999), expondo sobre a formação pedagógica e os desafios do mundo moderno para o docente do ensino superior, estabelece quatro grupos de professores que se encontram exercendo a função docente na educação superior: os profissionais de várias áreas do conhecimento que se dedicam à docência em tempo integral; os profissionais que atuam no mercado de trabalho específico e se dedicam ao magistério algumas horas por semana; os profissionais docentes da área pedagógica e das licenciaturas que atuam na universidade e, paralelamente, no ensino básico (educação infantil, ensino fundamental e/ou ensino médio); e os profissionais da área de educação e das licenciaturas que atuam em tempo integral na universidade.

Cada um desses grupos traz qualidades e dificuldades para a formação dos acadêmicos. O primeiro grupo, por exemplo, ensina o que não vivencia na prática e o segundo não se envolve com os alunos, com

os colegas que lecionam no curso ou departamento e com a própria instituição. É necessário pensar se a universidade deve optar pelo professor profissional ou pelo profissional professor para atuar na docência ou se deve buscar compor o quadro docente com profissionais de todos os grupos, garantindo, dessa forma, a diversidade dos profissionais envolvidos (MALUSÁ, 2003).

No atual contexto, o ensino superior entende ser imperativo se abrir para o diálogo com outras fontes de produção e de pesquisa. A universidade sabe que deve sair de si mesma e o professor já reconhece que não é o único detentor do saber, uma vez que está sujeito a ser surpreendido com informações novas de que dispõem os alunos. Outras questões surgem ainda quando se discute sobre o docente universitário. Entre elas, o fato de a sociedade estar vivendo o “impacto da nova revolução tecnológica sobre a produção e divulgação do conhecimento e formação de profissionais” (MASETTO, 2003, p. 13).

O domínio dos conhecimentos básicos em determinada área, a experiência profissional de campo, os conhecimentos e práticas atualizados, a pesquisa, o domínio na área pedagógica e na área da tecnologia educacional e a dimensão política são apontados como competências básicas para o ensino superior. O docente, especialmente do ensino superior, deve procurar sempre adotar uma postura de reflexão para que possa intervir na realidade, transformando-a.

Se o docente universitário não tiver clareza de sua prática, de como organizá-la e para quê, correrá o risco de reduzir-se à mera reprodução de modelos aprendidos em sala de aula. Portanto, é necessário que a prática docente esteja submetida a uma reflexão sistemática e contínua (MALUSÁ, 2003, p.138).

Compreende-se que ser docente hoje requer muito mais do que apenas o domínio do conteúdo específico a ser trabalhado. É o docente reflexivo que poderá exercer os elementos que fazem parte da educação: saber ouvir, saber observar e saber agir (MALUSÁ, 2003). De tal modo, é fundamental que a aula universitária seja planejada. E para isso o docente deve estabelecer um plano de ensino que esteja pautado nos objetivos das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e na filosofia do curso em que atua. Torna-se necessário, ainda, que o docente compreenda o que é, para que serve e quais os tipos de plano de ensino existentes (MASETTO, 2003).

Entretanto, será que os docentes que atuam no ensino superior compreendem que essas competências são importantes e que constituem a função docente? O que os docentes universitários têm a dizer? Para eles o que é ser docente universitário hoje?

Ser docente universitário hoje: com a palavra, o professor

É por meio da palavra que o homem dá significado ao que é e ao que sente, que nomeia o que vê, o que acontece, o que faz e o que pensa. No ato de escolher certas palavras, de silenciar outras, de compor escritos, de inventar, proibir ou transformar palavras, encontram-se mais do que somente vocábulos. Para Bondía (2002), a luta pelas palavras, pelo significado e pelo controle destas, pela imposição de certas palavras e pela desativação de outras é uma luta em que se joga com algo mais do que simplesmente palavras.

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco [...]. O homem é um vivente com palavra. E isto não significa que o homem tenha a palavra ou a linguagem como uma coisa, ou uma faculdade, ou uma ferramenta, mas que o homem é palavra, que o homem é enquanto palavra, que todo humano tem a ver com a palavra, se dá em palavra, está tecido de palavras, que o modo de viver próprio desse vivente, que é o homem, se dá na palavra e como palavra (BONDIA, 2002, p. 21).

O professor, ao compor palavras para falar de si, de sua profissão, ao olhar para sua prática, para seu cotidiano e para as relações que estabelece traz em seu escrito mais do que meras palavras. Defronte de apenas uma questão, ele poderá mostrar ao escolher/silenciar palavras o que sente, o que pensa, o que faz e quem é. E aqui, a palavra está com o professor. Suas concepções constituem esta seção. Contudo, não se trata apenas de expor as palavras dos docentes, mas de procurar em suas palavras os significados da docência hoje, especificamente da docência universitária.

Entre as palavras mais utilizadas pelos docentes nos questionários analisados estão: pesquisa, extensão, tríade, tecnologia, relações, experiência, atualização e política. Trata-se de expressões que demandam inúmeros comentários. Dado o caráter deste trabalho, far-se-á o estudo desses vocábulos, que acarretam competências e especificidades da docência universitária, assim como revelam traços da identidade profissional do docente universitário.

Ao pensar sobre as palavras pesquisa e extensão, por exemplo, diversas são as implicações e significados dessas dimensões na universidade. A pesquisa pode ser tomada na perspectiva do professor, do aluno ou do ensino. Um dos docentes, S₁⁵, afirma que ser docente universitário é *“ter mais tempo e financiamento para se dedicar a atividades de pesquisa/extensão”*. Em outro questionário, o docente S₅ escreveu que ser docente universitário é fazer parte da construção do cidadão, *“orientando para a pesquisa, para que o processo tenha continuidade”*. Têm-se aí dois direcionamentos, ora o professor é o pesquisador, que também faz a extensão, ora é quem orienta – nesse caso o aluno –, sendo o aluno quem dará continuidade ao processo.

Os professores *“são muito mais incentivados a cuidarem de suas pesquisas, a produzirem inúmeros artigos para publicação demandados pelas agências de fomento à pesquisa [...]”* (TEIXEIRA, 2009, p. 34) do que a dedicar-se ao ensino. Dada essa necessidade de publicação, também apontada nas palavras de S₃, *“Ter que produzir, produzir e produzir... ou seja, estar sempre preocupado com seu Lattes”*, os docentes tendem a preocupar-se mais em realizar suas pesquisas, esquecendo-se do aluno nesse processo.

É preciso que as práticas de pesquisa na universidade deixem de ser realizadas pelos e para os professores, sendo o aluno apenas figurante nesse processo (CUNHA, 1996). Por outro lado, quando está na posição de orientador, o docente passa a ser o que determina o oriente, o que diz aonde ir, não se envolvendo necessariamente na pesquisa. A universidade é o lugar onde ensino, pesquisa e extensão se constituem de forma indissociável – é o tripé ou tríade do ensino superior. Um dos grandes desafios das instituições de ensino superior é fazer com que esse tripé – ensino, pesquisa e extensão – realmente aconteça na prática, de forma indissociável. O que não quer dizer que o docente deva atuar nas três frentes, ou seja, desenvolver o ensino por intermédio de suas aulas, e a pesquisa e a extensão por meio de projetos próprios ou orientação. Para que a indissociabilidade aconteça, é necessário pensar na parceria, na construção realizada entre docente, discente e comunidade (ISAIA, 2000).

É interessante ressaltar que a palavra ensino não foi evidenciada em nenhuma das composições dos docentes. Quando se fala em docência universitária, o ensino parece algo distante:

“dar aulas” passa a ser algo *“de menor valor”*, principalmente quando se tem uma demanda grande de outras tarefas a serem cumpridas no interior das instituições: bancas, orientações de alunos, participação em eventos científicos, pesquisa e extensão. Nessa perspectiva, os estudantes são penalizados muitas vezes com a má qualidade das aulas em virtude do despreparo de seus professores (TEIXEIRA, 2009, p. 34).

O docente universitário hoje tem se envolvido em tantas atividades, comissões, trabalhos burocráticos, reuniões, editais de financiamento, entre outros, que a sala de aula é o espaço menos frequentado pelo professor, trazendo grandes prejuízos para o aluno, o próprio docente e a instituição.

⁵ Os docentes serão identificados pela letra S (sujeito), seguida de uma numeração que corresponde à ordem em que os questionários foram recebidos.

Tecnologia foi outra palavra mencionada nos questionários. Um dos docentes, S₆, acredita que ser docente universitário é *“aceitar o compromisso de manter nossos estudantes informados dos avanços metodológicos e tecnológicos”*. Entre as competências do docente universitário está justamente o domínio na área de tecnologia educacional. Mas, numa breve análise, é possível perceber que se trata de contextos diferentes para a mesma palavra. Quando Masetto (2003) fala que o docente que atua no ensino superior deve dominar a tecnologia educacional, o autor refere-se ao fato de que

[...] às mais de cem técnicas de aula existentes e aplicadas juntam-se as novas tecnologias de informação e comunicação relacionadas com a informática e a telemática, seja como apoio ao processo de ensino-aprendizagem presencial, seja num processo de educação à distância, na pesquisa (MASETTO, 2003, p. 31).

Consideram-se importantes tanto as colocações dos docentes quanto as de Masetto (2003). O docente universitário deve usar as diversas ferramentas/recursos e possibilidades que as novas tecnologias da informação e comunicação (TICs) utilizam a favor do processo ensino-aprendizagem. Ele deverá também estar atento aos avanços tecnológicos da ciência. Contudo, basta manter os alunos informados? Na sociedade contemporânea pode-se dizer que o professor é quem mantém o aluno informado sobre esses avanços? Com o advento da internet, a informação saiu das mãos do professor, deixou as instituições de ensino superior e hoje está disponível a todos apenas com um clique. Não são raros os casos em que os alunos apresentam uma informação da qual o professor ainda não tem conhecimento.

É preciso cuidar para que o docente do ensino superior não assuma o papel de “informante”, mas que estabeleça, junto com os alunos, conhecimento sobre as tecnologias. A informação é um dado exterior ao sujeito, constituindo-se no primeiro estágio do conhecimento. Para conhecer é preciso trabalhar com as informações, analisando, contestando-as ou aceitando-as (TEIXEIRA, 2009). O docente do ensino superior deve trazer discussões sobre os avanços das tecnologias e com base neles, utilizando também as informações que os alunos já têm, problematizar, pesquisar e construir novos conhecimentos e tecnologias (MALUSÁ, 2003). Para S₁, este é justamente o significado de ser docente universitário, *“uma pessoa que problematiza [...] que tenta transformar os modos pelos quais os saberes foram construídos [...]”*.

Ao continuar a análise das palavras, tem-se a questão das relações, evidenciada em três questionários. Os docentes do ensino superior atribuem um grande significado às relações que se estabelecem na prática de sua profissão, principalmente à relação professor-aluno. Sobre isso, S₄ se manifesta da seguinte maneira: *“acho que primeiramente, como para qualquer docente [...], é importantíssima a interação. E o diálogo com os estudantes [...] só faz sentido se eu estiver predisposta a interagir com os grupos de estudantes”*. Já conforme S₃, o docente universitário deve *“fortalecer vínculo com pesquisadores/professores de outras universidades e centros de pesquisa”*.

Os vínculos que se estabelecem no exercício da docência universitária são extremamente importantes para o trabalho do docente. É na interação, na socialização, na relação com os pares, os discentes e a instituição que o docente constrói sua identidade profissional. Além disso, o professor que cultiva um bom relacionamento com seus alunos contribui para despertar/incentivar o interesse destes, concorrendo para sua aprendizagem. Behrens (1999, p. 384) assinala que *“Salvaguardadas as exceções, os docentes conservadores aliam a competência ao autoritarismo. O professor bom é aquele que conhece seu conteúdo, apresenta-se severo, exigente e não deve mostrar os dentes para os alunos”*.

Humanizar o homem é imperativo para o processo de educação, independente do nível de ensino. Assim, a educação deve ser compreendida tendo a formação humana como finalidade. Uma educação para que Auschwitz não se repita (ADORNO, 1995) deve ser pautada nas relações humanas, na interação. Um professor que se preocupa mais em *“mostrar os dentes para os alunos”* e tem o autoritarismo como base de sua prática *“não deveria ser professor”* (S₄).

Sendo a educação cumprida pelo homem e para o homem, compete a ela a tarefa de humanizá-

lo, tendo por princípios a pluralidade, a integralidade, a verdade e a ética, tanto do sujeito quanto do ato pedagógico. Deve-se, portanto, questionar essa educação que fica apenas “[...] produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas [...]” (ADORNO, 1995, p. 143).

Portanto, para além das relações que devem ser constituídas, palavras como formação humana, humanizar, devem estar presentes nas discussões sobre a docência universitária e precisam fazer parte do discurso e da prática do professor no ensino superior. A universidade não é um lugar para produzir pessoas bem ajustadas ou profissionais qualificados, a universidade é um espaço de formação. E o ensino deve ser formativo não como conformação, mas no sentido de fazer-se, de construir-se em devir, movimento pelo qual as coisas se transformam abrindo-se para as possibilidades de novos caminhos (SEVERINO, 2006).

A identidade profissional: experiência, atualização e política

Discorrer sobre a temática da identidade profissional não é tarefa fácil. São inúmeras as discussões quando se trata da construção da identidade docente, mas quando o assunto é a identidade daquele profissional que atua no ensino superior, os problemas são maiores. Compreende-se que não é espontâneo tornar-se professor, sentir-se professor, tendo em vista a desvalorização que a profissão docente possui aliada a uma imagem bastante enfraquecida. Para além da questão da desvalorização do trabalho docente, tem-se ainda o fato de os professores do ensino superior, na maioria dos casos, se identificarem com a profissão de formação.

Comumente, ao serem indagados sobre sua profissão muitos professores afirmam ser médicos que lecionam no curso de medicina, biólogos que ministram aulas no curso de biologia, historiadores que ensinam história, engenheiros que lecionam no curso de educação tecnológica, etc. Parece haver uma dificuldade para se identificarem com a docência [...] (TEIXEIRA, 2009, p. 34).

Para Teixeira (2009), boa parte dos docentes que atuam no ensino superior se considera profissional-professor. S_2 expõe que não teve formação para lecionar, mas há nove anos atua no ensino superior, e apenas “[...] atualmente, estou mais inserida na vida acadêmica e já me considero uma professora”.

A identidade profissional do docente universitário será discutida aqui tendo as palavras *experiência*, *atualização* e *política* como norteadoras. A ocorrência de os docentes considerarem a formação inicial como identidade profissional provém do fato de a boa experiência no mercado de trabalho ter sido por muito tempo critério para atuação dos profissionais das diversas áreas no ensino superior. A palavra experiência exprime nesse contexto o exercício da profissão (TEIXEIRA, 2009).

Para Masetto (1998), a docência nas universidades deve ser considerada de forma profissional e não amadoristicamente. Behrens (1998) esclarece que ao optar pela docência universitária, os professores precisam ter consciência de que ao entrar na sala de aula seu papel essencial é ser professor. Para S_2 , “os professores responsáveis pelas disciplinas consideradas práticas devem sim ter tido algum contato com o mercado”. Contudo, ser docente hoje exige mais do que a experiência profissional da área. É preciso lembrar que na universidade não se deve formar apenas profissionais, mas cidadãos capazes de responder aos desafios sociais, culturais e econômicos da sua época. “Não se pode pensar em um docente comprometido com a educação, se não estiver envolvido com questões sociais mais amplas que afetam direta ou indiretamente a sala de aula” (MALUSÁ, 2001, p. 26).

A palavra experiência na atuação docente deveria ser tomada como abordada por Bondía (2002):

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um

texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (BONDÍÁ, 2002, p. 21).

A experiência, na perspectiva do autor, requer mais do que exercer uma atividade profissional. O sujeito da experiência deve estar aberto à sua própria transformação, pois se a experiência é algo que se passa conosco ou que nos acontece, ela nos forma e nos transforma. O docente como sujeito da experiência deverá estar aberto para uma constante formação/transformação tendo por base o que vivencia em sua trajetória pessoal e profissional. É na relação inextricável entre o *eu* pessoal e o profissional que o professor vai construindo sua identidade. Por isso, o professor e a pessoa do professor não podem estar dissociados, sob pena de fragmentar-se a compreensão que dele se possa ter (ISAIA, 2000).

Além disso, discorrer sobre as experiências vivenciadas no mercado de trabalho não é suficiente numa sala de aula para que a formação aconteça. O fato de o professor ter exercido sua primeira formação profissional não significa que ao falar dessa experiência os alunos irão aprender. A experiência, como algo que nos acontece, é diferente para cada um. “[...] A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova” (BONDÍÁ, 2002, p. 25).

A experiência constitui-se, então, como algo valioso, pois promove uma constante (trans) formação para o sujeito que vivencia esse acontecimento. Pensando nisso, entende-se que o professor necessita refletir sobre suas experiências, seus saberes e suas práticas, buscando principalmente sua própria formação e a construção de sua identidade profissional. Ao definir o desempenho no mercado de trabalho como argumento para ser docente, considerando-se experiente porque atua como médico, jornalista, biólogo, engenheiro etc., o docente descaracteriza a concepção de experiência e sua profissão: ser professor.

Nessa contextura, os espaços de formação pedagógica e andragógica – permanente, continuada ou atualização – tornam-se preciosos, pois possibilitam ao professor refletir sobre suas experiências, socializar seus feitos, angústias, dúvidas, dificuldades e possibilidades encontradas no exercício da docência, como também permitem pensar sobre sua identidade, as competências necessárias para atuar no ensino superior e a dimensão do ser professor. Além disso,

Cada vez mais toma-se consciência de que a formação profissional não se encerra na escola, mas continua durante toda atividade da pessoa, obrigando a uma atualização permanente. Por esse motivo, formação continuada é um conceito presente nos dias atuais, tanto para a profissão de professor como para outras profissões (BARREIRO, 2003, p. 81-82).

A atualização foi uma palavra frequente nos questionários analisados, evidenciado a importância de ter conhecimentos e práticas atualizados. Para S₃, ser professor é “*manter-se atualizado dos conteúdos e metodologias a serem utilizados durante o exercício da profissão*”. Já S₂ afirmou que a palavra-chave é “*sempre atualização*”. S₆ registrou que ser docente universitário significa “*continuar aprendendo para manter viva a ciência*”.

É necessário pensar na atualização docente tendo não apenas o foco nos conhecimentos específicos de determinada área científica, mas de forma a apresentar aos professores do ensino superior os conhecimentos da área pedagógica. A aula é uma arma que ainda não foi tirada dos educadores e, por isso, deve ser espaço de sedução, de indignação, de encontro, de consciência crítica e de prática transformadora. É importante que o docente universitário esteja sempre atento para a sua formação pedagógica, pois é ela quem irá capacitá-lo a intervir sobre sua própria prática (MALUSÁ, 2003).

Dado esse contexto, surge a dimensão política. Para tratar desse tema é imprescindível lembrar Paulo Freire. Em meio às suas palavras com relação aos saberes necessários para a prática educativa, destaca-se a declaração de que

não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. [...] Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: a miséria na fartura. [...] Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuido do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa, mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar (2011, p. 63-64).

As palavras de Freire exprimem a identidade profissional que o docente universitário deve buscar. A dimensão política compreende a luta constante, a decisão. O cuidar do saber, o respeito aos alunos, a boniteza de ensinar devem marcar a prática docente. Para S₃, ser docente universitário é *“ter a oportunidade de discutir, além dos conteúdos, temas correlacionados com sua disciplina ou não (p. ex. ética, política, meio ambiente, artes, etc.)”*. Entretanto, ter a oportunidade não é o bastante, é necessário que o professor assuma a dimensão política da docência como uma competência, um saber necessário para a sua prática (CUNHA,1996).

Considerações finais

Esta caminhada teve como ponto de partida dois problemas: quais as concepções sobre ser docente universitário para os professores que atuam no ensino superior hoje? Qual o discurso sobre sua identidade profissional?

Em relação a essas questões, observou-se que o papel do docente no ensino superior passa atualmente por transformações significativas em vista das exigências do mundo atual, que vive um cenário de crise. Entre as competências para atuar na docência universitária apontadas pelos autores que se dedicam ao tema, destacaram-se o domínio dos conhecimentos básicos em determinada área, a experiência profissional de campo, os conhecimentos e as práticas atualizados, a pesquisa, o domínio na área pedagógica e na área de tecnologia educacional, e a dimensão política.

Nas concepções dos sujeitos pesquisados identificaram-se expressões relacionadas à experiência profissional de campo, aos conhecimentos e às práticas atualizados, à pesquisa, ao domínio na área de tecnologia educacional e à dimensão política. Entretanto, os significados dessas competências nem sempre são equivalentes.

Identificou-se que a experiência profissional no mercado de trabalho ainda é vista como algo decisivo para a atuação como docente no ensino superior. O ser profissional-professor ainda é uma questão frequente nos discursos dos sujeitos, indicando a dificuldade desses profissionais de constituírem uma identidade profissional docente.

Compreende-se que a atualização, também abordada pelos sujeitos, precisa ser inserida nos espaços de formação das instituições de ensino superior, que deve proporcionar aos docentes programas de atualização. Assim, o professor poderá compreender as dimensões e as competências necessárias à sua profissão, refletir sobre sua identidade profissional, compartilhar suas experiências e estabelecer parcerias.

No que se refere à pesquisa, o professor sabe que ela é uma das competências necessárias para o ensino superior, mas é preciso questionar o que o professor entende por pesquisa, de que pesquisa ele está falando. Nas concepções dos sujeitos destacamos a pesquisa realizada pelo

próprio professor e a pesquisa apenas orientada pelo docente. É imprescindível que a pesquisa seja colaborativa, que tanto o docente quanto o discente construam conhecimentos juntos. Contudo, é preciso ratificar que o docente não é uma máquina capaz de produzir artigos e pesquisas em série.

Já quando aborda o domínio da área de tecnologias educacionais, há o pressuposto de que o docente deve utilizar os avanços das tecnologias da informação e comunicação no ensino-aprendizagem. No entanto, os docentes apontaram também para o dever de informar os alunos sobre os avanços das tecnologias. Considera-se que trocar as antigas ferramentas de trabalho pelas novas e manter as velhas práticas educativas não mostra a competência do professor no domínio da área de tecnologias educacionais, assim como desempenhar o papel de informante não é suficiente. A docência universitária na contemporaneidade exige do professor reflexão e problematização quando se trata das novas tecnologias.

Quanto à dimensão política, foi apontada por um sujeito como uma oportunidade de o docente universitário discutir outros temas que não os da disciplina. Entende-se que a universidade é um espaço de liberdade, de luta, de conquista, de ruptura e de decisão. Dessa forma, a dimensão política da docência não deve ser dada apenas como uma oportunidade de discussão. A política torna o professor consciente da dimensão de seu papel, torna-o atuante.

O domínio na área pedagógica não foi evidenciado por nenhum dos sujeitos. Falar de competência pedagógica é ainda hoje uma tarefa difícil, mesmo compreendendo que quem sabe não necessariamente sabe ensinar e que é importante para o professor conhecer os elementos da didática, saber o que é, para quê e como fazer um plano de ensino.

Outras concepções sobre ser docente universitário foram evidenciadas pelos sujeitos. A questão das relações, da interação, principalmente com os alunos, foi apontada pelos sujeitos como imprescindível. O professor deve estar disposto a interagir com os alunos, com seus pares e com a instituição. A tríade ou tripé foi assinalada por um sujeito que demonstrou, principalmente, a preocupação em ampliar sua ação para além dos graduandos por meio da extensão.

Dessa forma, entende-se que o desafio de ser docente ultrapassa a sala de aula também quando se trata do ensino superior. Ser docente universitário hoje é trabalhar com um coletivo. Nesse sentido, é necessário humanizar as relações e educar para a sensibilidade, para a consciência coletiva, buscando um trabalho que integre professores e alunos das diversas áreas do conhecimento, a instituição e a comunidade.

Referências

- ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. Tradução, Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- BARREIRO, A. C. de M. A prática docente na universidade. In: MALUSÁ, S.; FELTRAN, R. C. de S. (orgs.). *A Prática da docência universitária*. São Paulo: Factash Editora, 2003.
- BEHRENS, M. A. A formação pedagógica e os desafios do mundo moderno. In: _____ MASETTO, M. T. (org.). *Docência Universitária*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1999.
- BONDIA, J. L. "Notas sobre experiência e o saber de experiência". *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 19, p. 20-28, 2002.
- CUNHA, M. I. Ensino com pesquisa: a prática do professor universitário. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 97, p. 31-46, 1996.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- ISAIA, S. M. de A. Professor universitário no contexto de suas trajetórias como pessoa e profissional. In: _____ MOROSINI, M. C. (Org.) *Professor do Ensino Superior: identidade, docência e formação*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2000.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. Panorama da coleta de dados na pesquisa qualitativa. In: _____. *Pesquisa Pedagógica: do projeto à implementação*. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2008.

MALUSÁ, S. O docente, o sistema socioeconômico atual, a ética, e os desafios à educação. *Revista de Educação do Cogeime*. São Paulo, n. 5, p. 25-35, 2001.

_____. Investigação sobre a atualização docente no ensino superior. In: MALUSÁ, S.; FELTRAN, R. C. de S. (Orgs.). *A Prática da docência universitária*. São Paulo: Factash Editora, 2003.

MASETTO, M. T. (Org). *Docência na universidade*. 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 1998.

_____. *Competências pedagógicas do professor universitário*. São Paulo: Summus, 2003.

MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. - 8a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SEVERINO, A. J. A busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 619-634, 2006.

TEIXEIRA, G. F. M. Docência: uma construção a partir de múltiplos condicionantes. *Boletim Técnico Senac*. A Revista de Educação Profissional, Rio de Janeiro, v.35, n.1, jan/abril, 2009

Recebido em janeiro de 2014
Aprovado em abril de 2014.